



Cuidávamos que a nossa admiração tinha chegado ao zenith com a viagem de Serpa Pinto através da Africa; enganamo-nos; a nossa admiração subiu mais um furo com a ascensão do Luiz Terra Vianna, no balão Castanet.

Esticando a nossa bravura, puxando pelos nossos mais ousados impetos, chegaríamos a atravessar uma floresta cheia de animaes ferozes, porque, enfim, sempre luziria para nós a esperança de que a valentia nos daria azas para nos momentos criticos subirmos a um coqueiro ou a uma palmeira; mas, por mais que nos enchamos de animos, não podemos imaginar a possibilidade de atravessarmos os ar s em balão, tendo a unica esperança de morrer afogado no mar ou espetado no catavento de alguma torre.

Prostremo-nos reverentes deante d'estes heroicos rapazes, Luiz Terra e Augusto Oliveira Abreu, que, no Porto e em Lisboa, mostraram que são homens não só para andarem por mares nunca d'antes navegados, mas para atravessarem os ares só d'antes percorridos pelas aguias e pelos condores.

A SEMANA

Triste semana, na verdade!
Um ceu côr de chumbo, uma terra côr de lama e um parlamento côr de burro quando foge!



Deixemos em paz o ceu, cujo reino, mais tarde ou mais cedo, nos está reservado, e tentemos a *pobreza de espirito* de que vamos recheando as nossas chronicas; deixemos em paz a terra, cujos encantos já nos não prendem, attenta a monomania aerostatica que começa a germinar-nos no toitiço; e occupêmo-nos exclusivamente do parlamento, cuja feição clerical se vae desenvolvendo dia a dia, attenta a semana santa que não vem longe.

A ultima sessão, a que vimos de assistir ha pouco, teve verdadeiramente a linha de sacristia.

Attrahido por aquellas jaculatorias de novena e estonteado por aquellas columnas de fumo de incenso, até o nosso presado amigo dr. Manuel d'Arriaga parecia um pré-gador de cyrio minhoto! Que coisas *divinas* que o nosso bom amigo disse e que gestos extravagantes que o distincto advogado fez!...

N'aquella curiosa sabatina de theologia, o dr. Manuel d'Arriaga deu-se taes foros de prior que nem duvidou até passar uma certidão d'obito em forma ao grande Napoleão I!... Ora vejam como elle estava influenciado por aquelle meio de sobrepelizes! E depois d'isto venham contestar-nos a lei immutavel da attração das massas...

Em meio d'uma sacra citação, o illustre deputado foi interrompido por um membro da maioria, o sr. *Cabeça de Pau*, que observou áquelle nosso amigo que *frito não era cosido*. É um atilado pae da patria, este sr. *Cabeça de Pau*, e que sabe pôr os pontos nos i i em questões de culinaria.

Recommendamol-o ao Zé dos Caracões como aquisição de subido valor.

O padre Patricio é que, francamente, nos não pareceu tão padre como o pintam. S. ex.^a declarou que tomava a defeza do artigo 6.^o da Carta, não admittindo a emenda que conferia a liberdade de culto, por entender que a sua posição a tanto o obrigava — o que foi assim como quem diz: *a Maria vae com as outras*...



Palavra d'honra, que chegámos a suspeitar que a corôa de s. ex.^a era de papel pintado e pegada com cola...

Houve até uma phrase de s. ex.^a, que nos causou arrepios no interior:

— «A caridade, segundo o catholicismo, estende-se»...
Pobre caridade! Naturalmente *estende-se*, por ter escorregado n'alguma casca de laranja...

O sr. Antonio Maria de Carvalho occupou o resto da sessão verberando o sr. Fontes com aquelle *douche* de amphiguris, em que s. ex.^a é tão prolixo.

Chega a fazer mal aos nervos, até aos inimigos do sr. Fontes, a séga-réga d'aquelle deputado *amolador e cacête*, como dizem no Brazil!

O sr. Antonio Maria de Carvalho é o *Antonio Maria* mais semsaborão, e, ao mesmo tempo, mais dispendioso de todas as oito provincias de Portugal, e, crêmos até, que das ilhas adjacentes! Não vá suppôr-se que escrevemos estas palavras, movidos por um odio de classe menos bem cabido, ou por uma falta de modestia mais criminosa ainda; mas, o certo é que o nosso *Antonio Maria*, apesar de semsaborão, custa apenas tres vintens por cabeça, ao passo que, o *Antonio Maria* séga-réga, fallando durante tres horas consecutivas n'umas coisas que ninguém entende, começando por elle e acabando em Deus, custa ao paiz a brincadeira de quinhentos mil réis, que é o preço de cada sessão por elle occupada, de cabo a rabó.

Façam idéa da continha calada em que já nos andam os discursos d'aquelle sujeito...

O sr. Fontes augenta todo aquelle martyrologio com a expressão resignada de quem tudo quer soffrer pela esperança de entrar no ceu de corôa de bicos na cabeça e to-são d'oiro pendurado ao pescoço, e em quanto toma apontamentos, molhando o lapis na bocca como qualquer caixeiro de mercearia, pensa com inveja n'aquellas grelhas incandescentes, onde S. Lourenço pediu que o virassem para ficar assadinho por igual, e n'aquellas settas cruciantes que deram cabo do canastro ao martyr S. Sebastião.

É que, effectivamente, o sr. Antonio Maria de Carvalho é capaz de fazer somno a quem tenha tomado dez almudes de café de Moka na quinta essencia!

Chegamos por vezes a suppôr que s. ex.^a é o Somno em pessoa e que anda de sobrecasaca e chapéu alto disfarçado por este mundo, para entregar a camara electiva nos braços de Morpheu e afogar as galerias no rio do Esquecimento...

Sendo assim, se s. ex.^a é effectivamente o Somno, tal como o pintam na mythologia, só lhe desejamos que metta pela bocca abaixo o emblema que segura n'uma das mãos — e que não é o dente de elephante...

Afinal, e a despeito do discurso do sr. Antonio Maria de Carvalho, a emenda ao artigo sexto foi regeitada, porque o sr. Fontes tinha declarado á maioria parlamentar que não consentia que lhe mechessem no cabaz — no *cesto*, queríamos dizer — e a citada maioria lá votou a conservação do citado sexto, com excepção de dois ou tres de-

putados que não quizeram pronunciar o mé sacramental com que o rebanho do grande homem costuma sancionar todas as suas determinações.

Entre estes rebeldes execrands conta-se o sr. Silveira da Motta, que propozera a emenda do artigo, e contra o qual votaram, entre outros, os srs. Barjona e Marçal Pacheco.

A desunião d'estes tres cavalheiros na questão da reforma da Carta é que nos tem dado sériamente que pensar!

Conhecemol-os do Gremio, onde ss. ex.^{as}, com as cartas na mão, são os melhores amigos d'este mundo, e não podemos por isso comprehender como, por causa d'uma só Carta, andem desaguizados, quando com um baralho completo não levantam questões de cão e guiso!...

PAN.



O Antonio Maria agradece penhoradissimo a graciosa deferencia com que a redacção da PARRA, espirituoso jornal do Porto, se dignou obsequial-o, e protesta, em signal de reconhecimento, que ainda que o actual governo venha a arrancar-lhe o ultimo trapo da camisa, constrangendo-o a andar de parra, nunca hade trazer a PARRA senão sobre o coração.

Explicação da chuva de pedra que caiu sobre os balões:

S. Pedro sentiu-se no domingo tão desesperado com a praga de aeronautas que ha tempo a esta parte e a pretexto de viagens aereas lhe andam a espreitar pelo buraco da fechadura, que deu sueto á collegiada dos seraphins para virem á varanda correr os balões á pedrada.

HISTORIA HORRIFICA

P'ra as bandas, leitores, de Cascos de Rólhas
Um padre, mais puro que alguns seraphins,
Voltava ao missal as santissimas folhas
Roendo em jejum os sonoros latins.

Mas vae se não quando
Vem lá do telhado
Um gato assanhado,
De rabo no ar!
Assusta as devotas
Que resam nas contas...
A todas põe tontas
Com fero bufar!

Pensaram... podera!
Olhando-lhe o rabo,
Que o gato era o diabo
Que tenta e seduz...
E todas á uma
Assaralhopadas
Rezaram prostradas
Dez credos em cruz!

O gato sacrilego
Mais bufa e se exalta:
Eis rapido salta
A riba do altar!...
O pobre sacrista
Ao ver a desgraça,
Não sabe o que faça...
Começa a apitar!

Mas eis que o padreca,
Famoso exorcista,
(No caso um fadista
D'alto lá com elle)
Agarra no hyssope
Brioso e sensato,
Sacode-o no gato,
Borrifa-lhe a pelle!

Sentiu-se na egreja
(Meu verso não zomba)
Estoiro de bomba,
Um cheiro infernal!...
— Foi quando o diabo
(Assim o presumo)
Seguiu o seu rumo.
Que o leve outro equal.

Ha muito quem diga que o gato bregeiro
De quem o diabo fez coio em tal dia...
É esse que o nosso Bordallo Pinheiro
As vezes nos pinta no Antonio Maria.



O ARTIGO 6.º

A SEMAPOLITICA

A SESSÃO THEOLOGICA DO DIA 5



Elles quizeram fazer do artigo sexto um cesto de flores; pois eu, com o favor de Santo Ignacio de Loyola, hei-de conservar o cesto da roupa suja.



Quem me manda a mim ser tolo,
Metter-me n'esta refrega,
D'um lado o Zé de Saldanha
Do outro lado o cega-rega!

SUICIDIO LIVRE

Ha tempos que, por iniciativa do *Correio da Noite*, toda a imprensa séria combinou guardar a maior reserva com respeito aos casos de suicídios, redigindo as noticias por fórma a occultar a revelação dos terríveis acontecimentos d'esse genero, que porventura se dessem.

A imprensa manteve plenamente aquelle accordo, disfarçando as suas noticias tão subtilmente que, nem o mais sagaz espertalhão, logrou descobrir a existencia d'um só d'aquelles casos. Por exemplo: ha dias escrevia um jornal dos mais sérios, e que mais aconselhara o dito accordo:

«Fulano morreu hontem, victima de desastre occasionado por arma de fogo; na algibeira do fallecido foram encontradas varias cartas para pessoas de familia e conhecimentos intimos.»

Nem o diabo era capaz de descobrir que, o tal fulano, se havia suicidado...

Ia a coisa n'estes termos, muito bem encaminhada, quando alguns suicidas do *high-life* se lembraram de reclamar em nome dos seus direitos perante o *Diario Illustrado*, allegando que, se aquella folha leva o amor pelo noticiario ao ponto de fazer uma relação diaria dos vestidos com que se cobrem, desde a *polonaise* de setim *gris* até aos debuchos do bordado da camisa, as damas do bom tom que frequentam os espectaculos publicos, deviam, elles suicidas, ter ao menos um cantinho reservado nas columnas do mesmo *Diario*, afim de que, o publico elegante, ficasse ao facto de quantos disseram adeus á vida deixando os miolos no tecto da casa de jantar e de quantos esticaram a canella mettendo na pá do bucho um litro de petroleo ou meia duzia de caixinhas de phosphoros de cera.

O *Diario Illustrado* annuiu promptamente, como era de ver, á pretensão dos elegantes suicidas e consta-nos até que vae abrir uma secção especial onde qualquer terá o direito de figurar a treco d'uma chumbada nas guellas.

Pela nossa parte applaudimos o procedimento d'aquella folha e o desejo que nutrimos de figurar nas suas columnas é tal que até nos sentimos com tentações de dar uma facada na barriga... — do *Diario Illustrado*, está bem visto...

OH! OH!

Triumpho de novo a espada
Do velho heron d'Almôster:
Viva a Carta reformada!
Abaixo quem não a quer!

G. d'Amorim.

Era um Saldanha esse heroe,
Pois surgiu outro Saldanha,
Que ouve fallar na castanha
E já nos diz que a não rõe!

Berra, embirra, massa, móe
Por se conservar na peanha:
Vêr enxotar uma aranha
Coisa é que muito lhe dóe!...

Não vê na Carta avaria,
Acha bom a tudo aquillo...
E ri-se do Zé que chia.

Mas quem cahio em ouvil-o...
É que soube a serventia
Que tem o cebo de grillo!



A FESTA ARTISTICA DE BEATRIZ RENTE

Segundo refere o *Diario da Manhã*, a formosa actriz Beatriz Rente foi muito obsequiada na noite da sua festa artistica.

Além d'um numero infinito de brindes foram-lhe offerecidos: um veillense de crystal despolido; uma medalha de prata despolida; uma argola de prata para guardanapo em estojo de coiro da Russia; um indispensavel de coiro da Russia.

Como brindes para senhora, achamos que lhe foram offertadas muitas coisas *despolidas* e muitos objectos de coiro. embora da Russia...

Felizmente que a descortesia desabrida d'esses brindes foi em parte attenuada por uns versos deliciosos de inspiração e scintillantes de espirito que á gentil actriz offereceu o lauriado poeta Xavier de Carvalho — que nós não temos o gosto de conhecer, mas que não pode deixar de ser laureado.

Vamos transcrever essas estrophes inimitaveis, a proposito das quaes não faremos o mais pequenino commentario com receio de lhe offuscarmos o brilho e deixal-as como a *veilleuse* de crystal e a medalha de prata — despolida...

Eil-as:

•N'estas noites de gaz em que o Real fulmina
•O Peccado soluça amargas herezias
•E ha dentro de cada alma um ferro que assassina:
•É quando o poeta emfim os corações domina
•E faz vibrar na lyra as louras symphonias.

•É quando a alma do artista é como um templo santo
•Onde Deus ergue d'alto a branca hostia da aurora
•E onde o luar goteja as perólas do pranto:
• — Por isso eu vos envio este vermelho canto,
•Cahindo humildemente a vossos pés, Senhora!

•E desejava Artista! em ancia refulgente,
•Na febre da ovação e ao trovejar das palmas
•Extatico, de pé, como n'um sonho ardente:
•Lançar a vossos pés, allucinadamente,
•N'um bouquet côr de sol, em sangue, as nossas almas!

•1 de fevereiro de 1884.

«Xavier de Carvalho.»

Que bonito pensamento, hein?!... Atirar-lhe aos pés, n'um bouquet côr de sol, as almas da platéa e dos camarotes, todas em sangue, a pingarem, como outras tantas fressuras á porta do carnicheiro!

Era uma acção muito bonita, mas fôra necessario que a distincta actriz se tivessé prevenido com galochas de borracha, aliás as meias haviam de lhe ficar em bonito estado...

E depois d'isto digam-nos que a musa de Forte Gato já não é capaz de ter o seu bom successo. Nada, não é... Leiam attentamente aquellas quintilhas e digam-nos depois quem é que está escondido sob o pseudonymo de Xavier de Carvalho...

A isto é que verdadeiramente se pôde chamar: *Gato escondido com o rabo de fóra*.

PAN.



O aeronauta Henri Beudet não é simplesmente um des-temido viajante aereo. Na sua ultima ascensão acaba de provar o arrojado navegador que elle faz mais n'uma passeiata de cinco minutos por esses ares fóra, do que Vasco da Gama ou Pedro Alvares Cabral seriam capazes de fazer durante um lustro por esses mares além.

Como conta o *Diario de Noticias*, Henri Beudet foi descobrir, para os lados de Santo Amaro, um delicioso oasis, composto de terraços, jardins, estufas, parques, com um sumptuoso palacio ao centro recheiado de ornamentações de varias épocas, raridades historicas e de archeologia artistica européa e asiatica, obras de esculptura, estatuaría, pintura e ceramica, Murillos e Rubens aos pontapés... o diabo! Diz mais aquella folha «que, se o balão tem cahido um pouco mais para Oeste, o festejado aeronauta podia ter ficado sentado n'uma formosa placa de plantas de côres, em cujo bordado se lê com agrado a saudação: Bon jour!»

Effectivamente, que prazer seria o do aeronauta quando, ao cahir sentado sobre a placa, dêsse com a vista n'aquella saudação, em vez de dar, como deu, com as costellas na borda d'um poço... Que, ainda assim, valeu a pena o trambolhão; para vêr tantas raridades e offerecer ensejo ao *Diario de Noticias* de as dar ao manifesto, não havia ninguem que não partisse gostosamente a espinha dorsal.



O ARTIGO 6.º

1.ª BEATA

Ó mana, não leste
Que lá na sessão
Quizeram dar cabo
Da religião?

2.ª BEATA

Já hontem á noite,
Por tal desacato,
Resei quatro c'roas
Ao meu S. Torcato.

1.ª

Ai, meu Santo Ignacio
Que os mais santos reges,
Esmaga os atheus
Confunde os herejes.

2.ª

Tu sabes, ó mana,
Se os impios intentos
Serão contra o sexto
Dos dez mandamentos?

1.ª

Ó mana, que idéa!
Valha-a santa Martha.
Este artigo sexto
É só o da Carta.

2.ª

Que Deus me perdõe
Se mal eu julgava;
Contra o outro sexto..
Até eu votava.

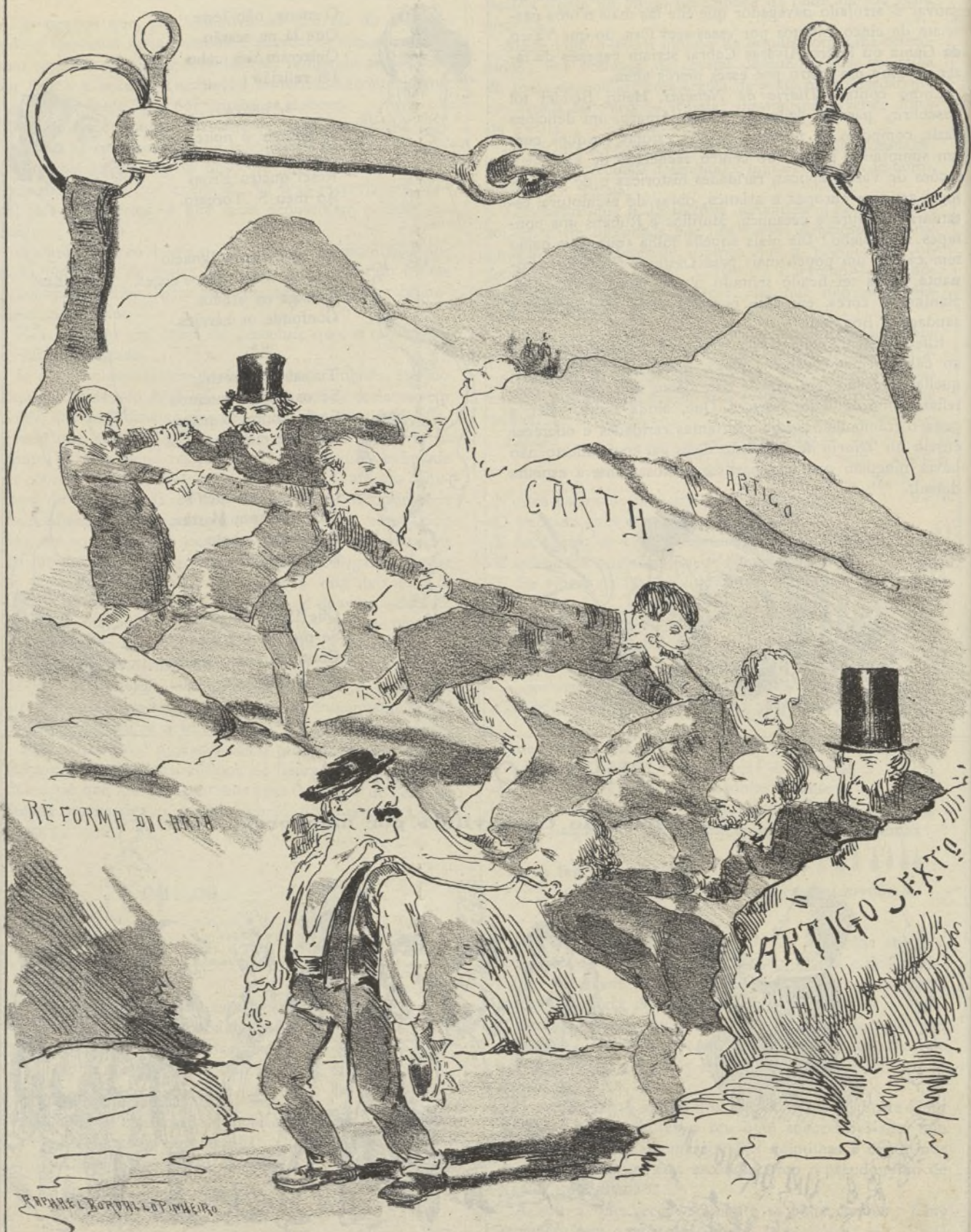


THEATRO TABORDA

Os «Sinos de Corneville» por amadores



A RECUA



Ora aqui está para que o sr. Fontes quer o bridão.